

## Revisitando “a cidade letrada”: comunicação e escrita na metrópole contemporânea<sup>1</sup>

José Cardoso FERRÃO NETO<sup>2</sup>

Thiago Mendes DE OLIVEIRA<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

A escrita, seus usos, práticas e textualidades presentes no espaço público da metrópole contemporânea é o tema deste artigo. O centro do Rio de Janeiro, território de estruturas de sentimento de cidade e nação, torna-se o espaço privilegiado de construções narrativas calcadas no encontro entre o material e o simbólico, onde se forjam paisagens comunicacionais, inscritas tanto na herança da modernidade quanto nos novos tribalismos urbanos. Propõe-se analisar de que maneira a gramática do processamento escrito da informação atravessou fronteiras espaço-temporais de uma cultura citadina e hoje se transmuta nessas territorialidades. A pesquisa se baseia em trabalho de campo, com observação participante, que permite buscar as materialidades e as práticas ligadas às escrituras urbanas, e deve sua inspiração ao estudo de Angel Rama.

**Palavras-chave:** comunicação; escrita; cidade; oralidade

### O pórtico da escrita: geografias letradas do urbano

Numa crônica-crítica publicada no *Correio Mercantil*, Machado de Assis diz assistir, nos idos de 1852, a mais uma revolução do espírito, consequência do que os franceses tinham experimentado, décadas antes, com a “explosão do pensamento humano” iluminista. O cenário é o Rio de Janeiro da “época das regenerações”, que antecede a Deodoro e a Pereira Passos. Em meados do século XIX, ainda não se chegara à Belle Époque tropical carioca, mas o escritor, que se coloca na condição de sacerdote e guardião da memória, o “derradeiro dos levitas da nova arca”, já sentia os ventos da mudança. “Sou filho deste século”, afirma um Machado antenado com o seu tempo de “fogo intelectual”, de novas esperanças, de expectativas de futuro e progresso, do dinheiro e da indústria;

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bolsista PRODOC-CAPES do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, email: joseferrao@uol.com.br. Este artigo faz parte do Projeto de Pesquisa “O Rio dos sons, gestos e letras: cartografia de uma cidade da comunicação”, integrado ao PRODOC. Email: joseferrao@uol.com.br

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UERJ e bolsista CAPES. E-mail: thiagomendes.uerj@gmail.com

tempo também de uma modernidade amparada na técnica, no movimento e na agilidade. Enfim, uma “época que passa”.

O Rio, embora ainda na condição de capital da única monarquia das Américas, já se tornava, na visão do literato, a sede de uma outra república: a república das letras. A revolução em curso na cidade se devia ao que ele chama de “sintoma” da “época de ouro”: as folhas impressas cotidianas. Apesar de, no fim do texto e bem no estilo que o caracteriza, o escritor informar ao leitor que seu argumento não é “uma idolatria pelo jornal”, afirma, algumas linhas antes, que “o jornal é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização”. Numa defesa da mídia que faz lembrar o entusiasmo messiânico de Edgar Roquette Pinto quando da chegada do rádio no Brasil<sup>4</sup>, o intelectual do Novecentos constrói uma síntese teórico-histórica dos meios de comunicação, em escala evolutiva e progressiva, para, enfim, exaltar “este grande molde do pensamento”. A diferença do jornal para os *media* que o antecederam estaria na incorporação do popular nos processos de produção e circulação da informação, no que o autor chama de “literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias”, capaz de engatilhar uma “revolução [que] não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências...”. Era preciso, naquele momento e com a ajuda de um novo *medium*, extirpar da escrita o que ela tem de “bastarda” e degenerada: seu uso exclusivista, seu caráter exógeno. Entretanto, com fina ironia, o escritor termina a crônica antevendo a institucionalização da “imprensa-jornal”, em que “o titão popular, sacudindo por toda a parte os princípios inveterados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos” (ASSIS, 2011, p. 44-53). O jornal poderia sacudir um poder para legitimar outro em seu lugar.

Um século e três décadas depois de Machado de Assis ter escrito sua análise do surgimento da imprensa na capital do Império do Brasil, o crítico e ensaísta uruguaio Angel Rama passa em revista “os comportamentos intelectuais da modernização no final do século [XIX]” na América Latina (1984, p. 19), e produz uma grande obra sobre o sistema cultural que imperou no Novo Mundo ibérico, com suas contradições, paradoxos e tensões de uma região que já nasceu periférica. *La ciudad letrada* torna-se, então, a chave de leitura para

---

<sup>4</sup> “O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado”. In: FERRARETTO, Luiz Artur. 2.ed. *Rádio: o veículo, a história e a técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001, p. 97.

compreender nossa formação social e histórica sob o signo da palavra escrita e sua intrincada relação com o poder.

Fruto de um processo racional, ordenador do espaço, planejado para modelar a experiência humana e submetê-la à servidão, a urbe moderna na América luso-hispânica herda sua concepção da cidade barroca dos séculos XVI e XVII, “que se prolongou praticamente até os nossos dias”. Uma cidade que se fez *neoplatônica*, porque se origina da razão letrada e preexiste ao espaço, gestada na abstração de linguagens e métodos, para então ganhar materialidade e fixidez. É *ordenada*, porque faz transplantar a ordem reguladora desse espaço geometricamente pensado e igualmente subjugadora das mentes e dos corpos. Esta cidade é *letrada*, uma vez que é regida por uma casta de intelectuais ligados às funções política, econômica, militar, sacerdotal e cultural da administração, constituindo-se no “habitat natural” para a articulação e reprodução da estrutura hierárquica, urdida na palavra escrita, e para o “manejo dos instrumentos de comunicação social”. A urbe é ainda *escriturária*, produto da distância entre a letra e a palavra falada, entre um olimpo letrado e o povo comum; é o *locus* de exclusivismo canônico, especializado, distintivo e coercitivo, amparado na retórica e na oratória como instrumentos da separação sígnica entre a realidade comum e os códigos manejados pelos burocratas, intelectuais e arrivistas da escrita (RAMA, 1984, p. 23-75).

No que diz respeito à intenção ordenadora do espaço no Novo Mundo, Rama credita esse processo que se deu nas cidades às monarquias absolutistas fundadoras e seus tentáculos de poder – a Igreja, o Exército e a Administração –, como também aos indivíduos e instituições reprodutores da intenção e da mentalidade colonizadoras. O caráter simbólico da operação estaria no uso da escrita como instrumento alienador, que separa, classifica, concentra, coloca, desloca e dispõe. A palavra-chave, diz ele, é a ordem (RAMA, 1984, p. 26). O antropólogo Darcy Ribeiro dialoga com o crítico uruguaio quando analisa o “estilo barroco de colonização” e seus reflexos na *terra brasilis*:

(...) O que se estava fazendo era gestar a nós brasileiros tal qual fomos e somos em essência. Uma classe dominante de caráter consular-gerencial, socialmente irresponsável, frente a um povo-massa tratado como escravaria, que produz o que não consome e só se exerce culturalmente como uma marginalia, fora da civilização letrada em que está imersa (1997, p. 163).

As cidades letrada e escriturária fizeram nascer, tanto na América hispânica quanto no Brasil, um tipo de intelectual que flutua numa espécie de não-lugar, entre os centros

metropolitanos irradiadores do saber e do conhecimento e o espaço urbano em que estão plantados. É a figura do letrado afeito às referências e aos modismos importados, “desterrado nas fronteiras de uma civilização cujo centro animador (cujo leitor também) encontra-se nas metrópoles europeias” (RAMA, 1984, p. 63). A relação centro-margem fica evidente na cópia dos modelos de consciência e pensamento, o que, no Brasil, inicia-se com os primeiros indivíduos educados sob a batuta da Companhia de Jesus; continua com os expatriados da Colônia e do Império que se submetiam ao exílio acadêmico na Universidade de Coimbra; atravessa a modernidade com a imitação da alta cultura letrada francesa e chega aos nossos dias com a repetição de fórmulas já gastas e estranhas à realidade do país.

Gregório de Matos, no século XVII, e Olavo Bilac, na Belle Époque, são dois homens de letras inconformados com o que alegavam ver na barbárie da vida na cidade periférica, tão distante dos centros produtores e difusores do conhecimento. Disse, uma vez, o Boca do Inferno:

Era eu em Portugal sábio, discreto, entendido, poeta, melhor que alguns, douto, como meus vizinhos. Mas chegando a esta cidade logo não fui nada disto, porque um direito entre tortos parece que anda torcido... mal entendido de todos, de nenhum bem entendido (MATOS, 2004, p. 85).

O que encontra seu correspondente, dois séculos e poucas décadas mais tarde, num Bilac embasbacado com o cenário da Avenida Central, o *boulevard* da Belle Époque, que se abria a seus olhos e tornava real o sonho da cidade letrada e civilizada, modelada desta vez na prancheta do arquiteto e não mais atrelada ao conhecimento empírico dos mestres de obra dos tempos coloniais:

E eis que, de repente, alguém lhe tapa os olhos [do carioca], e leva-o assim vendado a um certo lugar, e retira-lhe a venda, e mostra-lhe uma avenida esplêndida bordada de palácios, e cheia de ar e de luz... E o povo... não acaba de perguntar a si mesmo se tudo aquilo é realmente seu, e se aquele paraíso não é uma cenografia de papelão e gaze, que o primeiro pé-de-vento vai esfarrapar e destruir. Mas, no dia 15, foi como se um velário se abrisse, descobrindo uma região de sonho (BILAC, 2005, p. 171-172).

A descrição poderia muito bem se aplicar, ainda, ao chamado “sorriso da sociedade”, designativo da vida boêmia e intelectual do Rio de Janeiro do início do século passado. A expressão refere-se também a um tipo de literatura que, a exemplo da cidade

com suas ruas e avenidas bem ordenadas, buscava o culto à forma, o equilíbrio e o respeito às regras de linguagem e composição. À elegância da disposição arquitetônica e urbanística correspondia o “purismo idiomático” dos frequentadores dos cafés, das livrarias da moda e das páginas dos impressos. Nos espaços públicos e privados do centro da cidade, circulava um letramento cosmético, de aparência, confeccionado para impressionar e causar efeito, produto da cultura do bacharelato e de um uso das palavras escrita e impressa que insistia em encarnar a herança barroca. Imperava “conservar a ordem dos signos”, como diz Rama (1984, p. 65), ou melhor, da “separação sígnica”.

Ao analisar o sistema intelectual brasileiro, Luiz Costa Lima (1981, p. 6) fala de um *letramento auditivo* que o caracteriza, de herança jesuítica e base retórica, antiteoricista, colonialista e causador de impressões e sensações. O conceito não se confunde, entretanto, com a oralidade e sua “racionalidade” própria, ou seja, com os modos de processamento da informação e de estruturação do saber e do conhecimento ligados às mentalidades e às práticas orais. O termo *auditivo* lembra, aqui, a verborragia que, menos preocupada com a reflexão, o questionamento e a problematização da realidade, ou até mesmo com a comunicação no sentido de intercâmbio de consciências, prefere se destacar pelo brilho e sensibilizar a audiência.

### **Rio de Janeiro, século XXI: a comunhão sígnica**

“Vamos dar princípio hoje a um passeio pela cidade do Rio de Janeiro? É um convite que faço aos leitores do Jornal do Commercio”, diz Joaquim Manuel de Macedo, nos idos de 1862 e 1863 (2009, p. 29). Na narrativa do folhetim, o escritor se imagina caminhando ao lado do leitor, conversa com ele, para e descansa para observar um monumento, um estabelecimento público ou uma instituição, conta sua história, relembra casos pitorescos de bastidores e analisa o que lhe é dado a ler nas paisagens da cidade. Sem dúvida, a crônica que mistura realidade e ficção é também um trabalho etnográfico.

Hoje, retoma-se a ideia de perambular pelo centro da antiga capital do Reino Português, território emblemático de estruturas de sentimento de cidade e nação. Em pouco tempo de caminhada, a cidade letrada dos tempos áureos de popularização da imprensa, na virada do XIX para o XX, se transfigura numa cidade midiática, em que a letra e a voz, a imagem e o som compõem uma paisagem de cimento, pedra, árvore e gente. A cidade é aqui entendida não apenas como lugar da produção das culturas urbanas, mas também local eivado dos mais diversos elementos midiático-eletrônicos que passam a “transformar, de

fato, a relação entre sujeito e território” (DI FELICE, 2009, p.160). Passa-se, inclusive, de uma territorialidade a outra, do real ao virtual e vice-versa, das plataformas dos trens, ônibus e embarcações para as plataformas digitais, em que a cidade permanece viva na experiência e também nas construções de memória.

Por todo lado, as performances dos artistas de rua lembram personagens lendárias de epopeias clássicas e de romances baratos. Mentalidades e práticas ligadas à palavra escrita estão por todo lugar, reapropriadas pelos modos orais de percepção de mundo e de representação do real. A Avenida Rio Branco, o *boulevard* moderno que atravessa a região tal como uma linha impressa numa página, ainda possui a “rigidez e a permanência” da escrita e perpetua “o sonho de uma ordem” (RAMA, 1984, p. 32). Ali, homens sanduíches que há um século apregoavam as últimas novidades das folhas matutinas e vespertinas, hoje caminham sobre pernas de pau anunciando em seus corpos a compra e venda do metal precioso, a oferta de postos de trabalho e cartões telefônicos. No encontro com o Largo da Carioca, vendedores gritam ofertas de cópias dos mais variados programas para computador. Na entrada da estação do metrô, são expostos livros usados a custo inferior a 10 reais.

No calçadão da Rua Uruguaiana, paralelo à Avenida, e no Largo da Carioca, que faz a interseção dessas duas paisagens, homens e mulheres distribuem pequenos volantes ilustrados de propaganda de produtos tão diversos quanto antiguidades e pratarias, “cautela da Caixa Econômica” e as irresistíveis “princesinhas realizando suas fantasias”. Estas, diga-se de passagem, fazem ponto próximo ao Real Gabinete Português de Leitura, a famosa biblioteca ultramarina lusitana nos trópicos. Na Avenida 13 de maio, passantes do sexo masculino são convidados, por meio dos ditos panfletos, a conhecer o mais novo ponto de “puro prazer” – um local descrito como “seguro”, com ar-condicionado e “lindas gatas”, localizado em uma sala de um prédio comercial. Em contraposição à fixidez dos livros nas estantes do espaço legitimado de letramento, as pequenas folhas circulam da gráfica impressora aos bolsos dos transeuntes, aos cestos de lixo e às próprias calçadas, dizem o essencial em textos manchitados, acrescentam ilustrações para reforçar o efeito retórico publicitário e convidam ao movimento.

A alguns metros dali, nas imediações do Paço Imperial, duas chapas de metal sustentadas por vigas de madeira fornecem informação escrita sobre o “Programa Paisagem Urbana” da Prefeitura do Rio, que visa à “recuperação do calçamento e mobiliário urbano do centro”. Na lateral da Igreja de Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé, o Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, do Ministério da Cultura, anuncia em dois *banners* pendurados sobre os muros de pedra a restauração da Capela Senhor dos Passos. Por esses painéis, o cidadão-contribuinte toma conhecimento acerca do valor da obra, da empresa que ganhou a licitação pública e dos arquitetos e engenheiros responsáveis pelo projeto. Misto de propaganda governamental e prestação de contas à população, antes mesmo da materialização de projetos, os painéis se espalham pela cidade, na época em que ela se prepara para sediar dois grandes eventos esportivos mundiais. Ainda que não se vejam as obras públicas, estas existem na escrita que lhes dá legitimidade e também à autoridade pública, para fazê-las acontecer. Na circularidade do tempo e do espaço, o neoplatonismo traz de volta a cidade barroca, como bem soube alinhar Angel Rama:

Uma cidade previamente à sua aparição na realidade, devia existir numa representação simbólica que obviamente só podia assegurar os signos: as palavras, que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação de normas e, subsidiariamente, os diagramas gráficos, que as desenhavam nos planos, ainda que, com mais frequência, na imagem mental que desses planos tinham os fundadores, os que podiam sofrer correções derivadas do lugar ou de práticas inexpertas. Pensar a cidade competia a esses instrumentos simbólicos que estavam adquirindo sua pronta autonomia, que os adequaria ainda melhor às funções que lhes reclamava o poder absoluto (1984, 29).

Naturalmente, uma cidade não se pensa nem se re-constrói apenas pelos mecanismos e homens do poder político, econômico ou simbólico. A escrita, também, há muito deixou os ambientes palacianos, adentrou múltiplos espaços, ergueu e reconfigurou novas paisagens e tornou-se objeto de negociação, na urbe. Por mais que a iniciativa da produção de significação se trame numa ordem hierárquica, quando se transforma em narrativa e é dada a ler, a autonomia do texto se choca com práticas de leitura, usos diferenciados e apropriações das mais diversas.

Na semana que antecede o Carnaval de 2012, uma estrutura de andaime com fotos, pinturas e documentos reproduzidos em grande formato chama a atenção dos que passam pelo Largo da Carioca. É a exposição aberta “Cordão da Bola Preta: nove décadas animando o carnaval carioca”, que apresenta em texto, imagens e gráficos as origens da comemoração, a linha do tempo da folia no Rio de Janeiro e a história do mais importante bloco de rua dos festejos de Momo na cidade. O formato de labirinto permite que os visitantes da mostra ao ar livre percorram, em pé, quatro corredores internos de informação do projeto “Memória do Bola”, numa rede de interconexões entre a palavra escrita, fotos,



charges, pinturas e design gráfico. Cada uma das linguagens cumpre a função de remediar a outra: oferece uma experiência mais imediata, supre a falta, completa o sentido e cria, no conjunto, um ambiente tátil de percepção e entendimento multissensorial.

A materialidade da estrutura de andaimes permite estabelecer trajetórias diferentes de leitura, dependendo da escolha do visitante de uma das quatro entradas (e saídas) possíveis do mini-labirinto. Há muita informação escrita e impressa, talvez impossível de ser percorrida na totalidade, caso se considere o fato de a visita se dar em pé e numa temperatura que oscila entre os 30 e 40°C. O texto, entretanto, atrai pelos índices de oralidade, ao incorporar expressões do cotidiano e um estilo dialógico que imita uma conversa descompromissada de rua ou de botequim. Talvez por isso, seja fiel ao “jeito Bola de ser”<sup>5</sup>, descontraído, meio irreverente e propício a uma leitura fluida e rápida no espaço público. Alguns visitantes seguem a linearidade de cada um dos tópicos, acompanhando com os olhos a sequência dos dados expostos. Outros optam por uma leitura entrecortada, facilitada por uma hipertextualidade gerada na confluência entre as linguagens. Há quem leia tomando certa distância do *banner* em forma de quadro; há também quem incline o corpo e aproxime os olhos do texto, tocando-o com as mãos. Há quem se incomode quando outro corpo se aproxima e reclama a divisão do espaço de leitura. Há, ainda, quem se deleite em compartilhar a leitura e a apropriação do hipertexto em voz alta com um desconhecido que acabou de chegar, como diariamente acontece nas bancas de jornal da cidade, em frente às capas dos exemplares abertos e pendurados em varal. Na exposição da Bola Preta, a logomarca do poder público se dilui no carnaval icônico, belo e atraente aos olhos e ouvidos, uma vez que a imagem parece reproduzir o som das marchinhas, dos gritos, da algazarra que enche as ruas da cidade nos dias de folia. A escrita *das* ruas e *nas* ruas tem *tactilidade*, como diz McLuhan<sup>6</sup>: consegue um alto grau de envolvimento de um ou mais sentidos conjugados no ato interpretativo, que lhe dá significação.

É assim que as letras compõem a paisagem urbana do Rio de Janeiro da contemporaneidade: pregam-se em andaimes, inscrevem-se nas pichações, nos cartazes colados e nos outdoors dos muros. As ruas, praças e avenidas formam peças de um labirinto em que as palavras escritas e impressas, dessacralizadas, já se tornaram propriedade

---

<sup>5</sup> Expressão utilizada pelo site do Cordão da Bola Preta para falar da mostra ao ar livre. Cf. [www.cordaodabolapreta.com.br/memoria-do-bola](http://www.cordaodabolapreta.com.br/memoria-do-bola). Acesso em 15.02.2012.

<sup>6</sup> Cf. GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto. Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>. Acesso em 09.12.2009



comum. Atravessam o caminho de transeuntes letrados e oralizados, uns mais, outros menos intelectualizados; todos, entretanto, perpassados por uma tecnologia que tanto determina a organização da sociedade quanto estrutura formas de pensamento, de saber e conhecimento, em alguns momentos mais, em outros menos consonantes com o universo oral.

A alguns passos do andaime carnavalesco, do outro lado do Largo da Carioca que encontra a Rua Almirante Barroso, um quiosque abriga uma extensão do sebo Mania Antiga, também disponível *online* para o comércio de livros novos e usados. O espaço interno é reduzido, mas os livros estão dispostos por toda parte, no fundo, na frente e nas laterais da estrutura de zinco. Os exemplares ficam expostos em prateleiras fixas que lembram a organização dos volumes nas lojas e bibliotecas. Em pé, na frente do estabelecimento, o livreiro acolhe com simpatia os fregueses. Mas a maioria das pessoas que se aproxima da banca o faz para pedir qualquer tipo de informação: itinerário dos ônibus, dicas de trânsito e localização das ruas. A palavra impressa demarca o lugar da troca de mensagens, um microcentro nervoso de interseção entre a abstração da letra e a concretude do espaço. Camelôs da vizinhança, em frente ao ponto de ônibus contíguo ao sebo, fazem da banca sua biblioteca pública: vêm, pegam algum exemplar, lêem e depois devolvem. Jovens e adultos trazem listas de livros técnicos, científicos e didáticos e perguntam pela disponibilidade. Uma mulher busca legislação de trânsito; uma estudante de ensino médio quer saber se “tem alguma coisa de matemática”; um senhor de cabelos brancos procura por compêndios de contabilidade. Percorrendo a estante no fundo da banca, um leitor de quarenta e poucos anos, que se apresenta como pesquisador, diz gostar das histórias paralelas que vê construídas, no espaço público, em torno de um livro. Acredita que a maior visibilidade que a rua confere às obras impressas incentiva a circulação de pessoas. Além disso, na banca, ao contrário das livrarias fechadas “que servem a um público muito restrito dentro de um público já restrito de leitores, não há uma vigília ostensiva. O lugar do povo é a rua”, afirma Alexandre Teixeira, para quem as livrarias são “ambientes de refinamento de alta cultura [e] templos do saber, do unguido. Ainda vivemos muito uma Belle Époque”, continua. “A livraria para mim é a Confeitaria Colombo. Se ela sáísse um pouco do pedestal, seria mais atraente e o povo não ficaria ausente”<sup>7</sup>.

Na Mania Antiga da rua, um freezer com refrigerantes e água ainda disputa o espaço com Agatha Christie, Sidney Sheldon, romances espíritas e *best-sellers* – os mais vendidos,

7

Depoimento oral fornecido em 13.02.2012.

segundo o livreiro. “É o café daqui”, diz o freguês. Aliás, todo o entorno se constitui como verdadeira praça de alimentação. Pode-se pegar um livro, sentar na mureta da grade que cerca o Largo ou em uma das cadeiras de plástico dos camelôs, ler e devolver, ou adquirir e levar para casa, a preços bem mais modestos. Do lado interno da grade de proteção, uma aleia de pedra portuguesa liga a banca de livros à estação do metrô. É a hora do *rush*. Fregueses começam a consumir salgadinhos e bebidas das barracas dos camelôs que ocupam o trajeto. Na parte inferior da fachada de uma delas, um *banner* de plástico chama a atenção: “Barraca do Guaraná Atômico Bomba”. Sob a bancada, onde o ambulante colocou o liquidificador e as especiarias utilizadas na fabricação do coquetel milagroso, a peça publicitária é uma bula em letras garrafais: descreve a “composição” (guaraná, catuaba, cipó cravo, nó de cachorro, ginseng etc.) e as “indicações” (tônico energético, anemia, desgaste físico e mental, impotência sexual etc). Este é o padrão das tendas: as letras que listam os produtos à venda são repetidas em voz alta pelos camelôs. Um passeio pelo centro do Rio de Janeiro é sempre uma viagem no jogo das remediações midiáticas, no “labirinto das ruas que só a aventura pessoal pode penetrar e um labirinto dos signos que só a inteligência raciocinante pode decifrar, encontrando sua ordem” (RAMA, 1984, p. 53).

### **A cidade digitalizada: extensões escriturárias na metrópole**

A cidade de entrelaces labirínticos e extensões midiáticas também se encontra na convergência entre plataformas analógicas e digitais. Principalmente nos períodos de trânsito pela cidade, os sujeitos se conectam a dispositivos móveis propulsores de leituras e escritas hipertextuais. Ouve-se música no celular enquanto se lê um livro no metrô. Isso ao mesmo tempo em que uma mensagem SMS ou um bate-papo *online* acionam mecanismos de escrita rápida, na velocidade do atraso e do aviso sonoro de chegada à estação de desembarque ou baldeação. “Ante o monitor, a leitura é uma leitura descontínua, segmentada, mais ligada ao fragmento do que à totalidade” (CHARTIER, 2010, p.9). Nesse trajeto, a cidade também compõe os textos, não apenas como cenário, mas também como parte da narrativa que é contada e lida nos percursos.

Ao chegar à estação Maracanã, da linha 2 do metrô Rio, às vésperas da Copa das Confederações, em junho de 2013, os passantes se veem diante de sinalizações não convencionais impressas sobre os muros e caminhos da cidade. Novas cores e formatos decorativos anunciam a marca de refrigerantes patrocinadora do evento; novas texturas no solo – uma espécie de tapete verde, imitação de um campo de futebol – agenciam

hipersensorialidades e fazem lembrar que se está chegando ao estádio reformado, “templo do futebol arte” / “temple of football”, como explica uma das várias placas bilíngues coladas na passarela que dá acesso ao local. Na estação, a mídia analógica do cartaz fornece as direções correspondentes aos portões de entrada do estádio, tanto para quem a atravessa de dentro da composição, quanto para aqueles que ali desembarcam. Mas a leitura não se esgota no suporte material do papel; ela começa na estação e completa-se em qualquer outro lugar, numa extensão espaço-temporal. É possível fotografar um *QR Code* digital, uma espécie de código de barras em duas dimensões, com um *smartphone* e ser “linkado” a novas informações disponíveis em páginas do evento nas redes sociais ou a um mapa da localização do estádio. Trata-se de uma leitura hipertextual, simbiótica e migrante, de uso comum nas cidades entre possuidores de tecnologias móveis de celular. André Lemos defende que a internet vai produzir “espacialização na relação dos lugares e nas movimentações pelas conexões de tudo e todos” (2013, p. 57). Leitura e escrita se deslocam, portanto, articulando diferentes territorialidades.

A rede de dispositivos de alta tecnologia que povoam as espacialidades urbanas, gerenciam o tempo e reorganizam a memória individual e social, tem suscitado a emergência de novos letramentos, típicos de organizações mais complexas do território, como é o caso das metrópoles. Desponta uma nova economia da comunicação que, além de alterar a escala e o ritmo das associações e sociabilidades, levanta igualmente a questão acerca dos papéis das formas emergentes de escrituração na e da cidade. Ao liberarem o polo receptor e potencializarem as oportunidades de intervenção nas textualidades midiáticas, as tecnologias digitais que estendem os corpos e com eles atravessam a geografia desestabilizam muitas das formas antes hierárquicas atribuídas à escrita, como também fazem surgir novas dobras e desvios da própria linguagem. São escriturações fragmentadas, construídas no imperativo da aceleração do tempo e da cadência do movimento. Intrigas individuais e coletivas, monológicas e coautorais são tecidas em retalhos de textos, construídos nos intervalos entre uma travessia e outra do espaço, nos veículos de transporte públicos e particulares, nos horários de almoço e de espera e no imprevisto das urgências. Redes hipertextuais e textualidades eletrônicas próprias ao ciberespaço remediam os circuitos de comunicação analógicos que integram as grandes aglomerações urbanas em rede e, ao mesmo tempo, transferem para a cidade concreta o imediatismo e a transparência dos caminhos hipertextuais, alterando, com isso, as percepções, os usos e as apropriações dos próprios espaços da metrópole. Ao dilatarem os

lugares de letramento para além dos livros, das folhas impressas, das livrarias, bibliotecas e cartórios, historicamente ligados tanto à sacralização quanto à democratização das letras, os novos *gadgets* têm suscitado o desejo e a necessidade de acesso às palavras escrita e impressa, despertando e exigindo diferentes habilidades de leitura e inscrição. Usos criativos e diferenciados do padrão linguístico, acrescidos de imagens, sons, infográficos e recursos audiovisuais apelam para um tipo de escrita cada vez mais tátil e operante em regimes de oralidade. A senha para a locomoção e a apropriação das territorialidades urbanas na contemporaneidade passa, cada vez mais, pelo acesso a essa velha e nova tecnologia.

### **Considerações finais**

Os fenômenos da contemporaneidade suscitam uma revisão hermenêutica das narrativas escritas que circulam pela cidade, ela própria uma composição sígnica híbrida, polimorfa e polifônica. Embora as afirmações do intelectual que frequenta o sebo da rua ainda careçam de problematização, uma observação atenta de um trecho da Travessa do Ouvidor mostra a localização de uma livraria da moda ao lado de uma papelaria de luxo que, por sua vez, é vizinha de um dos inúmeros cartórios de tabeliães, que estão por toda parte no centro do Rio. Uma cartografia simbólica, que tenta desvendar as materialidades, práticas, usos e apropriações da escrita numa dada paisagem urbana, amparada por um referencial crítico acerca de como se constituiu, na longa duração, a cidade das letras, pode identificar, ainda, alguns de seus remanescentes na geografia dos tempos atuais. Mas, além das lojas refinadas de livros que “[acompanham] a exclusividade letrada com a exclusividade de seus canais de circulação” (RAMA, 1984, p. 65), herança do tempo das rodas literárias dos intelectuais do sorriso da sociedade, bancas populares, posicionadas estrategicamente em áreas de grande circulação, atraem um público leitor numeroso, anônimo e desconhecido, cujas práticas de leitura ainda precisam ser desvendadas. O cartório, sucursal da ordem, ainda é o vetor de uma escrita impostora (RAMA, 1984, p.63), reguladora das identidades e das movimentações humanas, compulsória e autoritária como o selo que comprova a veracidade daquilo que é preciso ser impresso e autenticado, para legitimar-se como documento.

Em frente à Igreja do Rosário, no calçadão da Rua Uruguaiana, uma senhora negra de cabelos brancos costuma sentar-se toda tarde, lendo o Evangelho silenciosamente, enquanto, a sua volta, o barulho dos gritos dos camelôs enche a paisagem sonora, e os fiéis

adentram o templo para cantar e rezar. Reconhece-se autodidata e diz ter aprendido a ler sozinha, no interior do Nordeste, antes de emigrar para o Rio de Janeiro, na década de 1970. O exemplar da Bíblia que tem em mãos está com as margens das páginas marcadas por observações e palavras de ordem, produto de uma leitura intensiva, algumas vezes sussurrada, acompanhada do movimento dos lábios. A poucos metros dali, um camelô munido de um microfone auricular e de um pequeno alto-falante preso à cintura anuncia uma antena de televisão milagrosa, vendida por R\$ 20, capaz de transformar qualquer chuva em imagem de cinema. Na embalagem do produto, nenhuma informação escrita, apenas uma foto da antena. O manual de instruções está na boca do ambulante: ao mesmo tempo em que convoca os fregueses, fornece as especificações, o modo de usar, as condições de troca e os termos da garantia.

Nas barcas que atravessam a Baía de Guanabara, leitores de impressos consomem avidamente as notícias de periódicos que se propõem a fornecer os acontecimentos do dia anterior num caldeirão de letras, imagens, cores e sensações. Salpicados entre a multidão sentada e em pé, que enche o veículo flutuante, empresários fecham negócios em conversas telefônicas, turistas fotografam a decolagem de aviões no Santos Dumont e internautas conferem as novidades das redes sociais, ao mesmo tempo em que acrescentam dados e impressões do deslocamento ao hipertexto digital. A embarcação é uma metonímia da cidade e suas paisagens midiáticas: um micromundo de plataformas, atores, usos e apropriações da escrita.

A leitora crente, o vendedor de rua e o transeunte conectado são signos de uma nova ordem das letras. Parafraseando Machado de Assis, são eles sintomas de nosso tempo e nossa nova geografia urbana. Dão a ler o poder da escrita de, não apenas se restringir a espaços privilegiados, como também de transmutar-se em materialidades e práticas da comunicação que os sujeitos históricos reinventam continuamente, no encontro com a oralidade. Atestam, todavia, “a diglosia característica da sociedade latinoamericana” (RAMA, 1984, p. 52), mas com um diferencial: no lugar de uma “separação sígnica”, essas figuras urbanas, corpos escritos pelo processo histórico que pensou a cidade do Novo Mundo ibérico, são também escreventes de tensões e porosidades constantes entre a língua erudita dos impressos, aparentemente silenciosos, e a língua popular e cotidiana das relações sociais, carregadas de gestos, imagens e sons.

Angel Rama “não acreditava nos mitos que tentam manipular consciências, nem nos mitos que mentem sobre a realidade, mas naqueles e só naqueles que são fundamento de

nossa realidade cultural”, nos conta Hugo Achugar no prólogo da edição brasileira de *A cidade das letras*. “A realidade, com toda sua carga contraditória de monstros e maravilhas que a América Latina oferece diariamente” (1984, p. 15-16).

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. **O jornal e o livro**. S. Paulo: Cia. das Letras, 2011.

BOLTER, Jay David & GRUSIN, Richard. **Remediation: understanding new media**. MIT Press, 1999.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. In: **Revista Estudos Avançados / USP**, n.69, (2010), pp. 7-30.

FERRÃO NETO, José. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil**: vestígios de um mundo dado a ler. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. 2.ed. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Annablume, 2009.

GLOSSARY OF McLUHAN TERMS AND CONCEPTS. Toronto: The McLuhan Program in Culture and Technology, University of Toronto.  
Disponível em: <<http://www.utoronto.ca/mcluhan/marshal.htm>>. Acesso em 09 dezembro 2009.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. Niterói, São Paulo, Ed. UFF e Contexto, 2002.

LEMOS, André. Espaço, mídia locativa e teoria Ator-Rede. In: **Galáxia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. PUC-SP, v. 13, n. 25 (jun. 2013), pp. 52-65.

\_\_\_\_\_, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.

LIMA, Luiz Costa. **Dispersa demanda**: ensaios sobre literatura e teoria. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro**. Brasília: Senado Federal, 2009.

MATOS, Gregório de. **Poemas Satíricos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP**, São Paulo, 1993.

RAMA, Angel. **A cidade das letras**. S. Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.